

RESENHA:

FONSECA, André Azevedo da. **A construção do mito Mário Palmério**: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins. São Paulo: Editora Unesp, 2012, 306p.



O relato de como se constrói um ‘mito’

ANDREZA LISBOA DA SILVA*

Seis anos de pesquisa foi o tempo dedicado pelo historiador André Azevedo da Fonseca para estudar uma das personalidades mais intrigantes e notórias do Triângulo Mineiro: Mário Palmério. Em uma trajetória de estudos iniciada em 2004 na sua especialização e resultante na sua tese de doutorado em 2010, Fonseca reuniu um vasto material - disposto entre artigos de jornais, manuscritos, cartas, agendas e fotografias - para recontar a história de Palmério, a partir da perspectiva de como esse político, professor e literato conseguiu emergir como uma liderança ilustre na região mineira da década de 1940.

O principal questionamento que norteou a obra de Fonseca, atualmente docente do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, foi analisar as estratégias simbólicas engendradas por Palmério para teatralizar uma imagem pública dotada de distinção social e referenciada como um verdadeiro mito da cultura política mineira. Para isso, foi adotada uma linha de investigação baseada no campo da História Cultural e dispensou-se a criação de uma narrativa de ‘intimidades’ ou de causos do biografado, mas sim uma análise mais objetiva do conjunto de artigos

simbólicos que ele utilizou para instituir uma figura de prestígio e *status* em torno do seu nome.

A divisão do livro ficou seccionada em dois momentos, atribuídas com o nome de “Atos”, em sutil referência ao modo como se divide os textos das peças teatrais encenados pelo corpo de atores (nada mais justo já que o texto todo trata da ‘encenação’ forjada pelo Palmério). A primeira parte intitula-se “Mário Palmério na escalada do reconhecimento social” e traz inicialmente uma análise do prestígio da família de Palmério na cidade de Uberaba, mostrando como o seu Francisco Palmério (pai de Mário) alcançou uma posição de destaque no local e de como Mário carregou o legado simbólico da notoriedade de seu pai até iniciar uma próspera trajetória empresarial ao fundar o Liceu Triângulo Mineiro, ainda no início da década de 1940.

Após uma sucessiva etapa de consolidação empresarial, com a abertura do curso ginásial (1942), para depois a escola comercial (1943), em seguida a oferta de cursos clássico e científico (1947) e, finalmente, a criação do primeiro curso de ensino superior na cidade (a formação de

Odontologia em 1947), Mário Palmério ainda empreendeu meios para cuidar da sua imagem pessoal, ao mesmo tempo em que queria garantir visibilidade à sua escola. Dessa forma, financiava anúncios publicitários e promovia eventos de relativo alcance de público para a cidade, além de sempre figurar nas colunas sociais dos jornais locais pelos seus méritos empresariais. Fora isso, ele cultivou uma relevante rede de relacionamento com autoridades e instituições da elite uberabense que possibilitou a sua escalada como uma das figuras mais prestigiadas da cidade.

Partindo desse conjunto de evidências, já é possível delinear o que se configuraria como a realização efetiva da figura mítica de Palmério, o que, aliás, é o foco da segunda parte do livro, intitulado como “A consagração do mito” e divide-se em três capítulos. Inicialmente é mostrada a situação histórica de Uberaba no período pós - Segunda Guerra e os fatores de ordem social, econômico, político e partidário do município que condicionaram o aparecimento de uma figura mítica na política regional. Até o ano de 1949, o dono do Liceu Triângulo Mineiro não manifestava interesse em atuar politicamente na região, somente no ano seguinte, em 1950, com a proximidade do pleito eleitoral, é que Palmério demonstra um inicial interesse em atuar na vida partidária, ainda mais considerando o seu reconhecimento popular como um homem benemérito dos necessitados e incentivador da base educacional local.

Em termos municipais, as eleições daquele período mexiam com os brios dos uberabenses, ainda mais que estes clamavam por mudanças em questões que perpassavam suas condições sociais, econômicas, políticas e até identitárias. O movimento separatista do

Triângulo Mineiro para o restante do país já era bradado e inflamado por muitos políticos, que só buscavam o ator social talentoso que assumiria a posição de herói da causa. Nesse sentido, vislumbrando a possibilidade de tomar a causa separatista como um alicerce para sua promoção política, Mário Palmério empreendeu uma cruzada propagandística para se lançar como o ‘messias’ ou líder dos insurgentes triangulinos, mostrando uma vivacidade e eloquência tenaz cada vez que debatia sobre o assunto.

A meteórica ascensão política do empresário e professor não passou despercebida pelos seus opositores que se sentiam incomodados com a postura resolutiva e sacralizada que permeava a imagem de Palmério durante sua campanha. A oportunidade perfeita para manchar esse quadro deu-se durante a visita do novamente candidato à presidência da República, Getúlio Vargas, em que o prefeito de Uberaba – opositor ao partido de Palmério – sofreu um atentado ao levar dois tiros durante a espera do pouso do avião de Vargas. Durante o ato de aglomeração, Palmério estava perto da vítima e foi acusado como “autor intelectual” da contenda, sendo classificado como “desordeiro, traiçoeiro e covarde”. Constituindo, dessa forma, uma clara intenção de desvincular seu nome a todo o projeto heróico e profético ao qual ele vinha instalando no imaginário popular.

Para reverter essa posição, Palmério precisou aplicar uma engenhosa campanha que não só reafirmasse o seu caráter de bom moço, mas também que demonstrasse a sua posição de vítima em uma grande conspiração que atrapalhava suas boas intenções em trabalhar para a prosperidade da comunidade uberabense. O empenho obtido por meio de sua campanha

trouxe resultados eficazes e que se confirmaram no anúncio da sua vitória, em dezembro de 1950, quando foi declarado como o segundo candidato do PTB mais votado no estado de Minas Gerais e conquistara, assim, a vaga de deputado federal.

O término da jornada de Palmério em busca do seu tão sonhado posto político é o ponto de fechamento da segunda parte do livro, que ainda traz uma breve conclusão nas páginas finais. Na obra, o leitor irá identificar durante o encadeamento do texto associado ao conteúdo imagético que a hipótese trabalhada sobre o ‘mito do herói’ realmente é aplicável segundo uma observação mais atenta aos documentos históricos relativos ao momento da região mineira da década de 1940. O grande rigor descritivo e minucioso da obra é, sem dúvidas, o elemento mais cativante e envolvente da narrativa, sendo que a utilização de ilustrações e

fotografias da época possibilita um caráter mais autêntico ao relato.

Os ensaios, as poses planejadas e as cenas forjadas nas fotografias presentes no livro já demonstravam a sagacidade de Palmério em como era importante interiorizar no imaginário popular o cerne de uma imagem ativa, deslumbrante e prestigiada no seio social. E essa riqueza documental fica como o grande legado para os interessados não só em conhecer um pouco mais sobre a envolvente personalidade de um dos imortais da Academia Brasileira de Letras (sucessor, aliás, do seu colega conterrâneo Guimarães Rosa), como também quem deseja apreciar a tradição política mineira do período pós Segunda – Guerra.

*Recebido em 2014-05-19
Publicado em 2014-07-06*

* **ANDREZA LISBOA DA SILVA** é jornalista e mestranda do programa de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).